

## A transparência



## Incomodei

Moça, eu era uma lagartixa.  
Eu era aquela que, apesar de útil —  
estão todos de acordo nisso —  
não merecia compaixão nem elogio.  
O que fazia de bom só me serviu  
como epitáfio: “Ela comia tudo  
que não prestava para nós”. Nem por isso  
fui salva da morte antecipada.  
Sou mais repulsiva do que os que eliminei.

Minha transparência  
incomoda, assim como quando arrasto  
a barriguinha cheia de sujeira.  
Me acostumei ao ricto de nojo  
na cara da família toda quando minha  
cauda amarela corria pelos azulejos.  
Quis enfatizar a cor, *amarela*, porque esta  
é uma cor infeliz no meu caso: “A merda  
está amarela como a de uma lagartixa”.

Por conhecimento mais que divulgado  
ninguém ignora que este rabo aqui  
podia ser deixado por aí.  
Um rabo assim é uma criancinha incerta  
do amor dos seus pais. Toda hora teme  
ser abandonada, pressente que são seres  
distintos entre si, ela e seus pais;  
pressente que é um fardo a ser carregado.

Meus olhos são grandes e um pouco verdes,  
bem lateralizados, como os de um feto — inspiro  
medo porque devo parecer uma forma precoce.  
Tudo que é precoce teria saltado para fora  
de alguma ordem. Nessa ordem é que se tem  
um acabamento natural.  
Só depois se é liberado para um passeio  
porque aí ninguém que o vir terá medo.

## Maçaneta

Quantas vezes ficam felizes  
quando sou girada,  
outras aterrorizados; pressinto o modo  
como serei tocada pelos passos:  
pesados, céleres ou ressabiados.  
Passos fininhos indicam que serei  
girada com todo o cuidado,  
como se me subornassem  
ou me tapassem a boca.  
Manuseada com estrondo  
transmito indelicadeza, confiança, assalto  
ou um desejo despudorado.

Às vezes prego uma peça aos muito ansiosos  
e caio na sua mão.  
Isso é algo que a uns faz rir,  
mas tem quem fique perturbado:  
angulada em 90 graus sinistros, a maçaneta  
que solta é para ele como um golpe  
da vida, do destino,  
como se fosse cobra  
a casca abandonada.  
Não é, não —  
é só a risada sardônica que caiu  
da minha boca.

## Associações

A ilustração de uma Bíblia para crianças trazia Jonas  
[segurando um lampião dentro da  
[barriga da primeira baleia célebre  
[de que eu ouvia falar.

Era um anacronismo  
num tempo de precária iluminação,  
e também um perigo  
para o organismo que o hospedava;  
mas a luz era aconchegante  
e o amarelo se esparramava  
pelo vermelho-róseo da galeria,  
o pé-direito muito alto,  
o estofamento de carne cetácea.

Três dias e três noites —  
assim foi determinado.  
Melhor que ficar dentro de um barco  
era ficar dentro de uma baleia.

Mansa e dotada de outras destrezas,  
essa velha companheira sabe lidar  
com os acessos do temperamento marítimo.  
Ressalte-se que possui a compleição mais sólida —  
difícil imaginar uma goteira ou fenda  
nessa espessura;  
ali capturado, Jonas desfrutava de deliciosa  
tepidez calmante, a mais próxima que pode haver  
à de uma placenta. Espesso era ainda o silêncio  
de fazer inveja a um asceta.

Pensei comigo que devia ser bom  
dormir ali, pensei e logo me persignei —  
onde já se viu querer ficar trancado  
no interior do inferno,  
no ventre do inimigo?  
(Não, Jonas, aqui não é o ventre de tua mãe.)  
Quem gostaria de ficar, como José,  
dentro de um poço?  
Jonas devia sair,  
que fosse logo, que não esquecesse  
de seu propósito no mundo, como —  
e aí me acudia outra mitologia —  
o herói que perde o anel  
recebido em sinal do amor obstinado.  
Durante parte do conto, a gente  
praticamente só esperava que o belo moço  
reencontrasse o fio de si mesmo e voltasse para casa  
com a ansiedade fresca de quem começa a viver.

Que medo então eu tinha de um dia me esquecer  
por longo tempo de alguém por quem sentisse  
a ternura mais dolorosa,  
de achá-lo sob a neve que eu não conhecia  
e imaginava muito mais gélida,  
de achá-lo caído na rua por infarto  
como ao meu avô eu mesma vi,  
na infância mais remota,  
sob uma chuva fria e desencantada;  
de encontrá-lo velho e ele mesmo de tudo  
esquecido,  
de mesmo não encontrá-lo,  
de chegar miseravelmente tarde.

## Borba Gato

O que eu sabia de ti? O que eu ouvia?  
“Você vai passar perto do Borba Gato e aí  
vire à direita”, “É, pois é, moro perto  
daquele trambolho.”

# a terra é redonda

Os mais críticos ou os de bom gosto  
ou os que fossem um e outro  
sempre expressavam isso a teu respeito,  
eu não tinha dúvidas, e as fotos tampouco  
tinham força pra me persuadir do contrário.

Mas de perto, de perto mesmo  
nunca te vi mais gordo, mais alto,  
menos ou mais feio que o que me diziam.  
Entrevia teu vulto de longe, bem longe.  
Talvez eu tivesse evitado mais de uma vez  
margear um monumento anódino na avenida  
inóspita e absurda — é que me melancolizam tanto  
os totens de vidro espelhado...  
Era por estes que eu desviava —  
por mim não cheiravas nem fedias  
em termos de paisagem, bem se diga.  
(Exijo tão pouco nesse assunto e nesta cidade,  
e mesmo assim ninguém liga.)

Em geral as câmeras te pegaram em *contra-plongée*,  
e, não importa o quanto  
se desconhecesse tua altura exata,  
com isso naturalmente crescias —  
pela primeira vez estavas monumental —,  
crescias muito além daquele matinho triste e flagelado  
no canteiro da avenida no qual foram te plantar.  
Um rabo grosso de fumaça —  
o fogo tinha sido atizado por trás  
como às vezes fazem aos gatos —  
se expandia para os lados  
até virar um halo;  
teus pés pisavam em cinzas  
mas tu não tombavas.

Via-se que esquentavas como um foguete  
prestes a decolar do pedestal  
— mas quanto adentrarias  
no ar rarefeito? E conseguirias então planar  
em trajetória contínua e estável?  
Ou a mais pétrea das leis da natureza  
logo te subjugaria?  
Qual o teu fôlego, foguete?  
Como eu o quisera grande,  
logo periférico, depois intergaláctico.

**\*Priscila Figueiredo** é professora de literatura brasileira na USP. Autora, entre outros livros, de *Mateus* (poemas) (*Bem te vi*).